

1.

Introdução

Há um fato irrefutável na vida de todo ser humano. Todos nós nascemos biologicamente prematuros para sermos autônomos e, por isso, precisamos de alguém para desempenhar determinadas funções para a nossa sobrevivência. Essa ligação que se estabelece entre o bebê e aquele que garante sua sobrevivência irá marcar a constituição da sua subjetividade, ou seja, a qualidade das experiências vivenciadas principalmente em relação ao bem-estar do corpo do bebê, assegurado pela mãe, influenciará e, de certo modo, determinará quem este bebê será no futuro. É através das experiências do corpo que o bebê interage, se comunica e conhece o mundo, dando forma à expressão singular do seu ser. Assim, o contato corporal entre a mãe e o bebê, ainda numa fase pré-verbal, é o primeiro tipo de comunicação existente, sendo determinante para construir e solidificar esse vínculo tão importante. Referimo-nos à mãe, pois esta normalmente é a melhor pessoa capaz de desempenhar a função de oferecer a provisão ambiental necessária, entretanto, esse papel se estende a qualquer outra pessoa que desempenhe essa função.

O bebê, ao nascer, está entregue aos malefícios e benefícios do ambiente que o recebe. Desamparado, sem recursos para sobreviver sozinho e se defender de possíveis ameaças, apenas seu corpo e suas sensações lhe dão alguma indicação do mundo. Como, a partir dessas sensações, o bebê cria sua concepção de si próprio e do mundo? Como e quando o bebê se torna consciente de si, e do mundo como algo diferente dele? Qual a influência do contato entre o corpo da mãe, repleto de emoção, e o corpo do bebê indefeso, no longo caminho percorrido rumo ao desenvolvimento? Enfim, como nos tornamos o que somos e qual a influência do nosso corpo, principalmente em contato com outro corpo, para esse processo ocorrer?

Um bebê, no meio de tantas excitações, pode encontrar amparo na sensação de ser tocado, principalmente tocado por alguém significativo. Esta é uma experiência de caráter organizador, desde o primórdio da vida até o seu fim. Logo, entender o que se passa nessa experiência nos ajuda a pensar nas bases

constituintes do psiquismo, assim como nos efeitos das falhas precoces para o desenvolvimento psíquico.

Freud, em 1923, afirma que o eu é antes de tudo um eu corporal, ressaltando que, inicialmente, o psiquismo é regulado pelas experiências corporais de prazer e desprazer, principalmente aquelas originadas na superfície do corpo. Essa afirmação nos remete a pensar a importância do corpo para a constituição do psiquismo e da subjetividade, já que se trata da base fundadora, cujo efeito é a origem de quem somos e de quem nos tornamos. As experiências que se passam no corpo do bebê podem ser vivenciadas como acolhedoras ou como invasivas e, de alguma forma, irão repercutir no desenvolvimento da vida psíquica. No entanto, não temos acesso às lembranças de acontecimentos tão precoces. Mas eles deixam marcas sensíveis que permanecem inscritas numa memória corporal e podem ser novamente experimentadas, ao longo da vida.

A importância da palavra e do simbólico é constantemente ressaltada dentro do campo da psicologia, mas atualmente vemos a necessidade de estarmos atentos a outras formas de comunicação, que nos remetem a este momento anterior ao simbólico, e que são de extrema importância para a constituição da subjetividade.

Desse modo, o objetivo deste trabalho é estudar a importância das experiências corporais da primeira infância para a vida psíquica futura, enfatizando principalmente a experiência corpo a corpo que se dá entre a mãe, ou aquele que cuida, e o bebê. A afirmação de Freud citada acima serviu como ponto de referência para esta reflexão. Por isso, a primeira parte, que abrange os três primeiros capítulos, será dedicada à concepção de Freud sobre a constituição do psiquismo, percorrendo um caminho que vai desde as primeiras formulações feitas no *Projeto*, passando pela metapsicologia, até chegar à virada de XX, onde ele formula a segunda tópica do aparelho psíquico, introduzindo a ideia de eu corporal. Já no começo de sua obra, no famoso texto *Projeto para uma Psicologia Científica*, de 1985, Freud enfatiza a importância do corpo como receptor de estímulos que proporciona a diferenciação tão fundamental entre o eu e o não-eu. Chama a atenção para a importância da existência de alguém significativo que torne viável a experiência corporal da satisfação para o bebê. E introduz o primeiro esboço de eu, a princípio, sem estar relacionado com a consciência e com

o corpo, mas com um caráter de organização e até de proteção do aparelho psíquico. Nos textos metapsicológicos, as ideias que já haviam sido introduzidas no *Projeto* ganham um discurso próprio, sem pretensões científicas rigorosas, mas que são de grande valor, como, por exemplo, o conceito de pulsão, que se encontra na fronteira entre o físico e o mental, e os desdobramentos que surgem a partir da concepção do corpo não só biológico, mas também erógeno. Percorrido esse caminho, podemos entender em que contexto Freud formula sua segunda tópica do aparelho psíquico, envolvendo o conceito de ego corporal, que pressupõe desde suas origens uma matriz fundadora nas experiências somáticas, que se desenvolve a partir das trocas intersubjetivas com o ambiente social.

A segunda parte do trabalho prioriza diretamente os efeitos do encontro do corpo do bebê com o corpo materno. O quinto capítulo, onde o principal autor utilizado é Winnicott, tem como foco o vínculo estabelecido entre mãe e bebê, e suas consequências para o tornar-se um indivíduo. Para Winnicott, os cuidados ambientais, incluindo principalmente aqueles que pressupõem um contato direto entre o corpo da mãe e o corpo do recém-nascido, têm um papel fundamental para o desenvolvimento saudável do bebê. Partindo do pressuposto de que as potencialidades do bebê só são consolidadas se houver uma mãe capaz de oferecer uma provisão ambiental adequada, o estado emocional da mãe, ou de quem desempenhar essa função, passa a ser também objeto de estudo deste trabalho. É feita uma periodização do desenvolvimento do bebê até a aquisição de uma realidade psíquica pessoal, privilegiando as etapas nas quais o corpo desempenha um papel de destaque. Posteriormente, a experiência de mutualidade, descrita por Winnicott (1969) como uma forma de comunicação corporal pré-verbal entre a dupla mãe-bebê, é priorizada. E, por fim, é abordada a relação entre o cuidado materno e a saúde mental do bebê, com ênfase nos cuidados que envolvem principalmente o corpo e possibilitam o desenvolvimento de algumas tendências inatas em direção ao amadurecimento, como a integração, a personalização e a realização.

A importância do vínculo mãe-bebê proposto principalmente por Winnicott e a constituição do psiquismo segundo Freud serviram como base não só para o presente trabalho, mas também para alguns autores contemporâneos estudados no sexto capítulo, que resgatam a dimensão corporal na origem do

psíquico. O interesse pela relação entre corpo e psíquico estava presente na obra de Freud desde suas primeiras produções, sob a forma da relação entre cérebro e pensamento, ou da relação entre a estrutura e funcionamento do cérebro e a atividade psíquica. Depois essa questão ganha nova roupagem, aparecendo na discussão da histeria, da sexualidade, da etiologia da neurose e da pulsão. O autor busca, durante todo esse percurso, enfatizar a ideia de que não existe uma causalidade mecânica entre corpo e psíquico. São ambos independentes, porém se influenciam mutuamente, ou seja, o que afeta um, necessariamente afeta o outro. Aulagnier (1999) enriquece a discussão, trazendo o ponto de vista de que as atividades sensoriais promovem a colocação em vida do aparelho psíquico, no sentido de que a tomada de consciência da existência só é possível a partir das sensações do corpo.

Posteriormente privilegiamos um órgão do sentido, a pele, para pensar na determinação das experiências vivenciadas no corpo para a constituição do psiquismo. Anzieu (1989) se baseou no conceito de eu corporal proposto por Freud (1923), para formular seu conceito de eu-pele, no qual as características do registro sensorial tátil são fundamentais para a constituição do psiquismo, lhe fornecendo um “envelope continente”, que possibilita ao aparelho psíquico ter conteúdos simbólicos e representações. Partindo do pressuposto de que a atividade psíquica é apoiada sobre uma função biológica corporal, a ideia de um eu-pele refere-se à representação que a criança faz, no início da vida, para representar a si mesma como um Eu capaz de conter seus conteúdos psíquicos a partir de sua experiência da superfície do corpo, ou seja, a pele como continente de seu corpo. Haag (1997) também contribui, apontando o desafio que é para o bebê abrir mão do contato das costas com a superfície, enfatizando a importância do ritmo e da dobra olho no olho, bico do seio na boca, pele com pele para a sensação de contenção.

Para finalizar, Tustin (1990) nos ajuda a pensar sobre os efeitos prejudiciais da consciência traumática da separação física entre o corpo do bebê e o corpo da mãe. Segundo a autora, a separação corporal traumática pode provocar uma cápsula autista, interrompendo ou perturbando o desenvolvimento normal do bebê, que reúne todas suas energias para evitar qualquer contato com o não-eu ameaçador. Essa encapsulação é uma proteção contra angústias precoces de

esvair-se, liquefazer-se e de queda, já que essas crianças sofreram uma desilusão precoce de não sustentação por uma maternagem suficientemente boa. Elas se agarram então em sensações de uma forma adesiva, para terem onde se apoiar, com o intuito de atenuar a ameaça de não existência.